

# O CASO DE ADOLF EICHMANN E A NEGAÇÃO DO PENSAR: reflexos no mundo e na educação

The case of Adolf Eichmann and the refusal of thinking: reflections in the world and education

Jenerton Arlan Schütz<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo apresentar reflexões sobre o pensar, o pensamento e a atividade do pensar, a partir das obras de Hannah Arendt. Trata-se de um estudo baseado na pesquisa bibliográfica. Nesse sentido, o trabalho busca relacionar os motivos das atrocidades e barbáries cometidas pelos regimes totalitários e a incapacidade da atividade do pensar, o que tornou os seres supérfluos e incapazes de agir.

Palavras-chave: Regimes totalitários. Hannah Arendt. Condição humana.

**Abstract:** The present article aims to present reflections on thinking, thinking and the activity of thinking, from the works of Hannah Arendt. This is a study based on bibliographic research. In this sense, the work seeks to relate the motives of the atrocities and barbarities committed by totalitarian regimes and the incapacity of the activity of thinking, which made the beings superfluous and incapable of acting.

Keywords: Totalitarian regimes. Hannah Arendt. Human condition.

## Introdução

Numa sociedade em que informação e tecnologia se tornam cada vez mais importantes, há uma enorme preocupação por parte da escola em buscar acompanhar o que denominamos de progresso científico e tecnológico, sendo que conhecimentos da geração denominada “mais velha” se mostram frente aos “mais novos” como conhecimentos obsoletos e que pouco tem a oferecer e contribuir a um mundo que está em constante mudança.

Para Morin (2012, p. 16), “por detrás do desafio do global e do complexo, esconde-se um outro desafio: o da expansão descontrolada do saber”. Ainda, citando Morin, “onde está o conhecimento que perdemos na informação?”. Nesse sentido, a educação está diante de um impasse, os professores perderam o papel daquele que representa aos mais jovens o mundo do jeito que ele é, e a educação visa a um futuro incerto e desconhecido, pois seja qual for o seu trabalho ou ainda contribuição, é insuficiente frente às novas gerações.

Como educar em um mundo que não possui mais sentido herdado, os alunos não se interessam mais pelo legado histórico, não temos certezas absolutas e somos obrigados a procurar o sentido das coisas por conta própria, e ainda nos deparamos com acontecimentos aos quais não conseguimos atribuir nenhum sentido?

A educação tem se preocupado apenas com competências e transmitir conhecimentos, deixando de se preocupar na compreensão do mundo, ou seja, em um modo de pensar que não tem como finalidade resolver os problemas. Estaria assim a educação exercendo apenas um exercício de pensar passivamente e desconsiderando a complexidade do mundo?

---

<sup>1</sup> Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - no 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

---

Ademais, sabemos que conhecer e pensar o mundo na sua complexidade, é fundamental para a tarefa da educação, assim, pretende o presente artigo analisar e resgatar a atividade do pensar a partir de Hannah Arendt.

### **A importância do pensar para a educação e o mundo**

*“Qual é o objeto de nosso pensar? A experiência. Nada mais! E se perdermos o solo da experiência, então nos deparamos com todo tipo de teorias”.*  
(Hannah Arendt)

A epígrafe anterior mostra um aspecto essencial do conceito de pensamento para a autora, mas, ao mesmo tempo, nos apresenta a forma de pensar<sup>2</sup> e a própria trajetória da autora.

A triste experiência que Hannah Arendt teve com os regimes totalitários, que procuravam suprir a liberdade e as identidades das pessoas, não fez com que ela desistisse de pensar e procurar novos caminhos para um mundo que consiga garantir fundamentalmente a manifestação da liberdade humana.

Um momento que marca a sua vida é a experiência com os regimes totalitários e principalmente a indignação com os intelectuais alemães, entre eles Heidegger, que não se posicionou contra o regime Nazista, e se não fosse o suficiente, ele e vários outros intelectuais ainda produziram teorias extraordinárias sobre a ideologia nacional-socialista. Isso foi assustador para Arendt, pois mostrou o quanto é capaz um pensamento que despreza as experiências reais. Na entrevista concedida em 1964<sup>3</sup>, ela apresenta os intelectuais que se “uniformizaram” (*sichgleichgeschaltethaben*) diante o regime de Hitler, [...] a respeito de Hitler ele tiveram ideias: em parte, coisas extremamente interessantes. Muito fantásticas e interessantes [...] e coisas que ficam muito acima do nível comum. Para mim, isso era grotesco (ARENDR, 1976 apud ALMEIDA, 2011, p. 148).

Na mesma ocasião, Arendt (1993, p. 5) se recusa a ser chamada de filósofa, pois,

Minha profissão, se é que se pode chamar assim, é a teoria política [...]. Para mim, o importante é compreender. Escrever é uma questão de procurar essa compreensão [...] o importante é o processo de pensar. Se consigo expressar de modo razoável meu processo de pensamento por escrito, isso me deixa satisfeita.

Arendt dedica-se na última fase de sua vida – mais preciso na década de 1970 – a um tema filosófico denominado por: as faculdades do espírito, atividades realizadas no momento em que se está só e que são invisíveis aos olhos do mundo.

Em 1961, Arendt assiste ao julgamento de Adolf Eichmann, nazista que foi um dos principais responsáveis pela “solução final<sup>4</sup>”. Hannah Arendt é enviada pela revista New Yorker para acompanhar esse julgamento e escreve um relatório que posteriormente é publicado como livro, denominado *Eichmann em Jerusalém*. E, a partir desse momento, Arendt volta seu olhar ao ser humano no singular, mas sem se esquecer que ele existe sob condição de pluralidade.

---

<sup>2</sup> No prólogo do livro “A condição humana”, Arendt (2010, p. 6), “O que proponho, [...] é muito simples: trata-se apenas de pensar o que estamos fazendo”.

<sup>3</sup> Entrevista com Günter Gaus, no programa TV alemã *Zur Person* (Sobre a pessoa), publicada com o título, O que permanece? Permanece a língua materna (ARENDR, 1976).

<sup>4</sup> Termo nazista que se referia ao extermínio dos judeus.

---

“É no momento em que se chega ao indivíduo, e a pergunta a ser feita não é mais: Como esse sistema funciona?, mas: Por que o réu se tornou funcionário dessa organização?” (ARENDDT, 2004, p. 121).

No decorrer do julgamento, Arendt se indaga como um ser humano pôde ser capaz de cometer tais monstruosidades. Ela se surpreende por Eichmann ser uma pessoa comum. Para Arendt (2004), não havia maldade naquela pessoa e que apenas tinha cumprido sua função, mas, o que realmente chamou a atenção de Arendt, foi a incapacidade de Eichmann refletir sobre o acontecido e de pensar sobre o significado de seus atos.<sup>5</sup>

Tudo isso leva Arendt (1993, p. 6-7) a se perguntar:

Será possível que o problema do bem e do mal [...] esteja conectado com a nossa faculdade de pensar? [...] seria possível que a atividade do pensamento como tal [...] estivesse dentre as condições que levam os homens a se absterem de fazer o mal, ou mesmo que ela realmente os “condicione” contra ele?

A partir da experiência com Eichmann, podemos perceber que, apesar de o pensamento se localizar fora do mundo, ele é fundamental para a nossa ação no mundo, assim, o olhar e a preocupação da autora se voltam para as atividades do espírito. Uma das principais preocupações da autora se refere a essa atividade do pensamento, que é exercida em um distanciamento do mundo, mas ao mesmo tempo precisa assumir a responsabilidade por ele e se relacionar com ele. Assim, como respondemos ao mundo não só “a partir das nossas ações, mas também em nossa reflexão?” (ALMEIDA, 2011, p. 151).

Para a autora, é necessário se distanciar temporariamente do mundo e dos outros para permanecer, por um momento na presença de nós mesmos, essa é a atividade do pensar. A retirada do mundo das aparências é essencial para o pensamento (ARENDDT, 1993). O pensar parte da experiência concreta, mas necessita distanciar-se da experiência para submetê-la à reflexão, ou segundo Arendt, precisamos “parar para pensar”<sup>6</sup>.

No momento em que estamos sozinhos<sup>7</sup>, é possível exercer um diálogo entre eu e eu mesmo (ARENDDT, 1993), esse modo de nos retirarmos do mundo, diz respeito à “condição paradoxal de um ser vivo que [...] tem [...] a habilidade de pensar, que permite ao espírito retirar-se do mundo, sem jamais poder deixá-lo ou transcendê-lo” (ARENDDT, 1993, p. 36).

Ademais, o pensar é o que nos permite buscar significados e sentidos, para qual em outras esferas de nossa existência não é possível, ou não temos espaço e nem tempo. Nossa capacidade de relacionamento com os demais e a possibilidade de assumirmos a responsabilidade por aquilo que nos é comum, depende da nossa retirada temporária do mundo e do encontro com nós mesmos, ainda que isso não ocorra de forma imediata. Portanto, distanciamos-nos do mundo para buscar a compreensão da nossa experiência nele, lembramos os acontecidos e perguntamos qual é o sentido de tudo isso.

---

<sup>5</sup> Ainda com relação aos nazistas, para cometer atrocidades, foram capazes de aplicar tecnologias e conhecimentos avançados, ou mesmo produzir conhecimentos novos, mas foram incapazes de refletir sobre aquilo que estavam fazendo (ALMEIDA, 2011).

<sup>6</sup> “Nunca um homem está mais ativo do que quando nada faz, nunca está menos só do que quando a sós consigo mesmo” (ARENDDT, 1993, p. 5). Cabe aqui ainda a relação com os regimes totalitários, os quais, não pensaram, já que não pararam para se perguntar sobre o sentido e o significado do que estavam fazendo, isso para com as vítimas e com o mundo.

<sup>7</sup> “Sempre que pensamos, interrompemos qualquer outra coisa que poderíamos estar fazendo [...]” (ARENDDT, 2004, p. 170). A autora diferencia o estar só (apesar de estar sozinho, estou na companhia de mim mesmo), da solidão (experiência de abandono, o que foi a essência do totalitarismo) (ARENDDT, 2004).

---

Para Almeida (2011, p. 155):

Qual seria a importância dessa faculdade do espírito que não é (apenas) um meio para produzir ou adquirir conhecimentos e habilidades, nem planejar ações e que não produz resultados diretamente úteis para nosso dia a dia e que, apesar disso, é constitutiva para nós enquanto seres humanos?

Para essa pergunta, Arendt nos apresenta uma resposta clara: a importância do pensar não reside nos resultados que produz, mas na própria atividade do pensar.

Pois a necessidade de pensar jamais pode ser satisfeita por *insights*<sup>8</sup> supostamente preciosos de ‘homens sábios’. Essa necessidade só pode ser satisfeita pelo próprio pensamento, e os pensamentos que ontem tive irão satisfazer essa necessidade, hoje, apenas porque quero e porque sou capaz de pensá-los novamente (ARENDR, 1993, p. 69).

Ainda, para a autora, o pensamento seria como o mito de Penélope, na qual, “O pensamento é como a teia [...], desfaz-se toda manhã o que se terminou de fazer na noite anterior” (ARENDR, 1993, p. 69). É o pensar que para Arendt importa mais do que os pensamentos, a atividade é mais importante que os resultados. Sabemos que a atividade do pensar é invisível e seus resultados visíveis, embora mostrem algo do pensar, não são iguais à atividade que antecede esse resultado.

Buscar compreender essa experiência do pensar que está escondida por trás de seus resultados é um dos caminhos que Arendt busca escolher para abordar essa atividade que é invisível. O problema, porém, reside no fato de “que poucos pensadores nos disseram o que os fez pensar, e um número ainda menor se deu ao trabalho de descrever e examinar a sua experiência de pensar” (ARENDR, 2004, p. 236).

Assim, Arendt busca de alguma maneira, investigar o que fez essas pessoas pensarem. Qual era a relação do pensar com o mundo? Entre os pensadores, estão aqueles que conviveram com a autora, como seus professores Heidegger e Jaspers, mas também Platão, Kant e principalmente Sócrates. Temos por um lado, experiências da atividade do pensar de forma mais dialógica e com ligação ao mundo (Sócrates e Jaspers), pelo outro, experiências do pensar na singularidade, como Heidegger e Platão.

A ideia de pensar dialogicamente parece algo importante, porém Arendt afirma também que só se pensa estando só. Em Platão e Heidegger, encontramos a aproximação para com a atividade espiritual, mas ambos estão dispostos a não expor seu pensamento “à pluralidade de opiniões e experiências” (ALMEIDA, 2011, p. 160).

Contudo, Arendt (2003) não se inspira apenas nesses filósofos para investigar a atividade do pensar, em seu livro “Homens em tempos sombrios”, ela apresenta sujeitos que considera exemplo do que seria pensar e agir, escritores, narradores e poetas, como Wystan H. Auden, Bertold Brecht, Tania Blixen e Lessing, e Walter Benjamin.

Todas as pessoas, em princípio têm a capacidade de pensar, essa reflexão não depende de conhecimentos, aptidões, inteligência ou alguma instrução, ocorrendo em todas as ciências ou no ensino. O pensar assim ocorre na vida diária de qualquer um.

O pensamento [...] pode surgir a partir de qualquer ocorrência; está presente quando eu, depois de observar um incidente na rua ou me ver implicada em alguma ocorrência, começo [...] a considerar o que aconteceu, contando o fato a mim mesmo como uma espécie de história, preparando-o [...] para sua subsequente comunicação aos outros, e assim por diante (ARENDR, 2004, p. 158).

---

<sup>8</sup> Seriam subprodutos incidentais do próprio pensamento.

---

Ainda para Arendt (1993, p. 13), voltando-se para as ciências, “seja como for, o assunto não pode mais ser deixado aos ‘especialistas’, como se o pensamento, à maneira da alta matemática, fosse monopólio de uma disciplina especializada”.

Nesse sentido, Arendt (2004) se pergunta para onde nos voltamos quando buscamos as experiências do pensar?, ou ainda, o “todo mundo”, de quem exigimos a atividade do pensar, não escreve livros e tem coisas mais urgentes para fazer.

Seu olhar recai sobre Sócrates<sup>9</sup>, no momento em que lhe faltam testemunhos, e ele diferente de outros pensadores, seria um modelo de pensador, pois não desejava transmitir respostas, mas procurava “compreender o mundo e queria fazer pensar” (ALMEIDA, 2011, p. 162).

Ainda sobre Sócrates, Arendt (2004, p. 236) mostra que ele:

[...] nunca tenha experimentado formular uma doutrina que pudesse ser ensinada ou aprendida. [...] proponho usar como nosso modelo um homem que realmente tenha pensado sem se tornar um filósofo, um cidadão entre os cidadãos, alguém que não tenha feito ou reivindicado nada além daquilo que, na sua opinião, todo cidadão devesse fazer e tivesse direito a reivindicar. Vocês terão adivinhado que pretendo falar de Sócrates.

Assim, há um princípio ao qual Arendt não abre mão: o ato de refletir sobre as experiências. O pensar é “vivo quando delas se alimenta, e morto quando começa a girar apenas em torno de si mesmo” (ALMEIDA, 2011, p. 164). Portanto, o que os mais diversos “modelos” de pensamentos tiveram em comum é justamente a procura de compreender o significado de nossas experiências.

Uma atividade que não tem um fim e que nos instiga a prosseguir a procurar respostas para as questões que só podemos receber respostas provisórias. Essa busca está ligada a nossa capacidade de assumirmos a responsabilidade pelo mundo, pois somente quando o mundo onde nós estamos e tudo o que acontece nele faz algum sentido para nós, ele deixa de ser um lugar inóspito e passa a ser a nossa casa, que precisa de nós para ser organizada, transformada, reformada e conservada.

A preocupação da educação está justamente na relação entre a instabilidade do pensar e a continuidade do mundo, no qual precisamos familiarizar os novos a partir do seu legado, mesmo com a perda da tradição, ainda existe alguma coisa que necessita e merece ser preservada do esquecimento. Portanto, conhecer o mundo é parte fundamental da educação, pensar sobre o mundo também é refletir sobre os conhecimentos que fazem parte dele.

Assim, “à medida que os alunos se familiarizam com os saberes e as práticas desse espaço comum, tornar-se-ão capazes de assumir sua responsabilidade por ele” (ALMEIDA, 2011, p. 38).

Portanto, conhecer o mundo não significa apenas ter acesso às informações sobre ele, pois para isso, não precisaríamos da escola hoje. O papel do educador é o de ser o mediador entre o mundo e os jovens. Para Almeida (2011), é ir além de um “abrir portas”, que poderia ser feito pelo professor de modo mecânico e até indiferente.

---

<sup>9</sup> Em seus diálogos é possível comprovar que o pensamento não produz resultados, além de não nos apresentar nenhum saber que se possa acumular. O que o pensamento faz é, questionar, analisar e perpassa cada coisa, seja um fato ou uma pessoa que se apresenta diante de nós, porém toda esta atividade não nos deixa nenhum resultado.

---

Seu papel de mediador lhe exige uma responsabilidade dupla<sup>10</sup>, ser responsável pela educação de seus alunos, mas também assumir a responsabilidade pelo mundo. Assim, o professor não apenas apresenta, mas também representa o mundo diante dos recém-chegados. Para José Sérgio F. Carvalho (2006, s.p.)<sup>11</sup>:

O acolhimento dos novos no mundo pressupõe, pois, um duplo e paradoxal compromisso do professor. Por um lado, cabe-lhe zelar pela durabilidade do mundo de heranças simbólicas no qual ele inicia e acolhe seus alunos. Por outro, cabe-lhe cuidar para que os novos possam se inteirar, integrar, fruir e, sobretudo, renovar essa herança pública que lhes pertence por direito, mas cujo acesso só lhe é possível por meio da educação.

Uma das conclusões que Arendt faz em seu ensaio, é que:

[...] a função da escola é ensinar às crianças o mundo como ele é, e não instruí-las na arte de viver. Dado que o mundo é velho, sempre mais que elas mesmas, a aprendizagem volta-se inevitavelmente para o passado, não importa o quanto a vida seja transcorrida no presente (ARENDR, 2013, p. 246).

Ainda, segundo Morandi (2002, p. 39),

Há de se preservar a vida da criança - que ao nascer é frágil, impotente, desamparada - e cuidar de sua inserção na realidade sócio-histórica-cultural que a espera e, ao mesmo tempo, preservar o mundo, transmitir a tradição, as heranças culturais no sentido de garantir a continuidade do mundo.

Como representante do mundo, é tarefa do professor proteger e conservar, mostrando sua relevância para os novos. “Se sua qualificação consiste em seu conhecimento, sua autoridade frente aos recém-chegados reside nesse ofício de representante que o autoriza a introduzi-los neste lugar” (ARENDR, 2013, p. 239). É importante ressaltar que é o lugar que o professor ocupa e sua tarefa específica que conferem a autoridade<sup>12</sup>, que não se estende a outras esferas que vão além da escola.

Não obstante, para os recém-chegados, que, na escola, se encontram nesse processo de conhecer o mundo, a aquisição dos saberes pode assim, estar voltada/relacionada à reflexão sobre o seu significado.

Não podemos nos equivocar e querer classificar as disciplinas escolares que promovem o conhecimento e as que fomentam o pensamento, como, por exemplo, química somente envolve conhecimentos e filosofia somente pensamentos. “Em maior ou menor grau, [...] todo assunto exige algum tipo de conhecimento dos alunos, como também [...] sejam instigados a indagar-se sobre o seu possível significado ou a falta dele” (ALMEIDA, 2011, p. 184).

---

<sup>10</sup> Aquele que educa, precisa proteger o mundo contra as crianças e as crianças contra o mundo. Nesse sentido, educar significa resguardar “o velho contra o novo, o novo contra o velho” (ARENDR, 2013, p. 242).

<sup>11</sup> A crise na educação como crise da modernidade. Educação, v. 4, p. 21, 2006.

<sup>12</sup> É importante destacar que Arendt distingue autoridade de certas formas de força e/ou violência. Mesmo que em ambos os casos, podemos falar de uma relação hierárquica e de obediência, aquele que obedece ao mais forte, o faz por medo ou por ser forçado fisicamente a obedecer, enquanto aquele que obedece à autoridade o faz por consentimento. (ARENDR, 2013, p. 129). Nesse sentido, o professor pode constituir uma autoridade frente ao aluno, “se ambos reconhecem a legitimidade do mundo comum e a necessidade de sua continuidade” (ALMEIDA, 2011, p. 39).



---

Assim, o conhecimento das disciplinas, a aquisição e a produção desses conhecimentos, exigem a escolha dos alunos que dependem do pensamento e de nosso lugar no mundo e buscar compreender de que modo eles nos dizem respeito.

Não devemos submeter as relações pedagógicas e os conteúdos curriculares à “tirania da verdade”, pois estaríamos colocando em perigo os aspectos de um pensar que “vai além dos limites do conhecimento” (ALMEIDA, 2011, p. 45).

Ademais, convidar os recém-chegados para essa atividade do pensar é um desafio para a educação. Vivemos em um tempo marcado pela “solidão”, inabilitando a capacidade do pensar e significar o mundo, propiciando assim a banalidade. Educar para a atividade do pensar e ressignificar o mundo que habitamos é uma urgência.

Educar para a atividade do pensar requer a possibilidade nas nossas relações escolares, nas salas de aula e atitudes que possibilitem o que Arendt considera: “estar só” para o diálogo do “eu” consigo mesmo.

Toda conversa realizada dialogicamente – professor/aluno, aluno/texto, alunos/alunos – deve conduzir ao silêncio, deve instigar os alunos para o diálogo consigo mesmo, ou seja, toda atividade realizada deve propiciar no educando, uma reflexão, significação pessoal e interna.

A atividade do pensar é assim, interrompe todas as nossas atividades, nos deixa inseguros no momento em que duvidamos sobre coisas que antes nos propiciavam uma segurança irrefletida. Educar para a atividade do pensar requer a quebra da continuidade, ou seja, requer uma ruptura no mundo cotidiano para poder se reconciliar com ele em um novo significado.

A abertura e a imprecisão são características essenciais da atividade do pensar, sendo que estas precisam ser assumidas e necessárias para a prática educativa. Os conhecimentos são fundamentais, porém, como já afirmamos educar para a atividade do pensar, como essência, a abertura e a imprecisão.

Portanto, a possibilidade de estabelecer um significado, uma relação com esse lugar e principalmente com sua memória, depende em grande parte, da atividade do pensar, a reflexão sobre o mundo, seus acontecimentos, a indagação sobre seu significado e a busca de fazer dele a nossa casa.

Sabemos da dificuldade que temos em indagar-se hoje, com coisas mais vis, e poder admirar-se das coisas mais simples, não acreditamos que uma proposta de educar para a atividade do pensar possa ser a solução para o fim da banalidade do mal, não consideramos também, que essa proposta possa ser facilmente utilizada nas disciplinas escolares. O que desejamos é indicar algumas posturas que podem contribuir para a atividade do pensar nas escolas, posturas que podem ser usadas por todos.

Estamos firmes que essa atividade do pensar deve ser atribuída a todos, e não somente para alguns, como afirma Arendt (1993), uma vida sem pensamento é possível, mas fracassa quando faz desabrochar a sua própria essência – ela não é somente sem sentido, como também não é totalmente viva, e homens que não pensam são como sonâmbulos.

Ainda, em outras palavras,

[...] pensar e estar completamente vivo são a mesma coisa, e isto implica que o pensamento tem sempre que começar de novo; é uma atividade que acompanha a vida e tem a ver com os conceitos como justiça, felicidade e virtude, que nos são oferecidos pela própria linguagem, expressando o significado de tudo o que aconteceu na vida e nos ocorre enquanto estamos vivos (ARENDR, 1993, p. 134).

---

Educar para a atividade do pensar é fazer nos despertar do sono da irreflexão, tirar nossas opiniões vazias e irrefletidas, para indagar-se e admirar-se com o início de um diálogo interno.

Assim, pensar é fazer lembrar e buscar a reconciliação, é por meio dele que aceitamos que o mundo está “fora dos eixos”, que é nosso e que, portanto, nós somos responsáveis por ele e por nós, isto é, precisamos constantemente consertá-lo e renová-lo.

Portanto, a educação comprometida com a atividade do pensar, precisa introduzir a criança no mundo humano e deve contribuir para a capacidade de reflexão do próprio aluno, já que este não é capaz somente de adquirir conhecimentos, mas também de pensar e compreender as experiências humanas no mundo e refletir sobre seus significados.

### **Considerações finais**

Assim, uma educação para a atividade do pensar e a reforma do pensamento ainda é um grande desafio para nós educadores. A pergunta feita por Marx “Quem educará os educadores?”, continua sem resposta. Como apontamos no texto, é necessário que os próprios educadores se educassem, mas o problema é que muitos não possuem essa vontade de fazê-lo.

É considerável ainda, a pertença no mundo (sentir-se em casa), mesmo que este não seja como gostaríamos, mas não podemos nos isentar da responsabilidade pelo mundo, pelos nossos alunos e pela educação.

Estabelecer um vínculo singular com esse espaço comum e também por seu legado é necessário para aqueles que serão responsáveis por ele no futuro, assim, a tarefa do professor é apresentar o mundo como ele é, e a partir disso, buscar sentido e significado com a atividade do pensar.

A capacidade de reformar o pensamento e “parar para pensar”, produz conhecimentos sobre o mundo que são de enorme importância para nos orientarmos e garantir uma estabilidade. No entanto, esse lugar depende da nossa ação, para renovar, transformar e buscar um sentido, sentido esse que não nos é apresentado de modo isolado, mas se forma a partir da nossa reflexão sobre todos os acontecimentos, fatos, saberes e conhecimentos sobre o mundo.

A tarefa da educação está em contribuir para que os recém-chegados possam se encontrar nele, possibilitando uma relação própria com esse lugar e seu legado a partir da atividade do pensar, é a partir da reflexão sobre o mundo que ele se torna significativo.

Essa reflexão pode ser considerada como um desafio da complexidade, considerar o todo a partir de suas partes, compreender as partes para entender o todo, e do mesmo modo, compreender o mundo em que estamos inseridos a partir dos fatos, acontecimentos que nele ocorrem e como estes se tornam significativos e passam a fazer sentido para nós.

No âmbito da educação, buscar a relação com o mundo está intrinsecamente voltada aos conteúdos ou disciplinas que o professor traz/leva para a sala de aula, é fundamental articular as disciplinas para não congelarmos o pensamento na hiperespecialização, eis o objetivo da reforma do pensamento.

Esse objetivo, é um grande desafio a ser enfrentado nos debates que se referem à melhor forma de buscar o conhecimento, no âmbito educacional, podemos ir além: é necessário enfrentamento.

Ademais, o desafio atual da educação é tornar significativo àquilo que o professor comunica, evitar um pensamento passivo, buscar relações intersubjetivas, mediações a partir do diálogo, constituir a formação da subjetividade, indivíduos capazes de enfrentar as incertezas e reconstruir o conhecimento.



---

## Referências

ALMEIDA, V. S. **Educação em Hannah Arendt**: entre o mundo deserto e o amor ao mundo. São Paulo: Cortez, 2011.

ARENDR, H. **Responsabilidade e julgamento**. Tradução de Rosaura Eichenberg. Edição de Jerome Kohn. Revisão técnica de Bethânia Assy e André Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. **A vida do espírito**. Tradução de Antonio Abranches e Helena Martins. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Ed. UFRJ, 1993.

\_\_\_\_\_. **Homens em tempos sombrios**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

\_\_\_\_\_. Was bleibt? Esbleibtdia Muttersprache. In: REIF, Adalbert (Hg.). **Gesprächemit Hannah Arendt**. München: Piper, 1976.

\_\_\_\_\_. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Posfácio de Celso Lafer. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CARVALHO, J. S. A crise na educação como crise da modernidade. **Educação**. Hannah Arendt pensa a educação. São Paulo, n. 4, p. 16-25, 2006.

MORANDI, F. **Filosofia da Educação**. Tradução de Maria Emil P. Charnut. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 20. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

---

Artigo recebido em 30/05/17. Aceito em 10/07/17.